



Editorial

O estudo moderno da religião demanda uma aproximação aos constituintes dos principais movimentos religiosos que marcaram a história. Sabe-se que há nesses constituintes aspectos muito definidores de modos e concepções que podem dar conta de compreender o complexo cenário contemporâneo, pautado, sobretudo, por uma pluralidade com nuances tipicamente religiosas. Sendo a religião, a depender do método que lhe inquire, um construto social e/ou algo inerente à própria experiência de vida humana, sua presença torna-se evidente e significativa, dada sua força cultural e histórica. Daí que para conhecer esta força, a consideração aos movimentos religiosos que acarretaram em mudanças culturais profundas torna-se crucial, principalmente para trazer uma luz aos movimentos contemporâneos herdeiros desse processo histórico.

Neste sentido, este número de *Plura* intenta contribuir, em primeiro lugar, com estudos e análises sobre os *500 anos da Reforma Protestante*, evento que causou significativas viradas teológicas e históricas e que hoje é refletido, de modo direto ou indireto, na cena religiosa mundial. Nossa intenção ao propor este dossiê foi de investigar aspectos inerentes àqueles constituintes que, dado o avanço da religião, sobretudo protestante, em nossa época, são pouco assimilados e discutidos devido à funcionalidade com que as práticas religiosas vêm sendo consideradas.

Os três primeiros artigos deste dossiê vêm, portanto, conduzir nossa atenção a temas transversais da Reforma e que tiveram notabilidade a partir da consideração: à mística inerente ao pensamento de Lutero, como discute o professor Cícero Bezerra no artigo *Martinho Lutero e Johannes Tauler: abertura para o habitar de Deus no ser humano*; às discussões sobre heresia e heterodoxia que se sucederam à Reforma na análise do professor André Muceniecks em seu artigo *Reações à reforma luterana no Norte: as diversas faces da heresia e heterodoxia na História de Gentibus Septentrionalibus, de Olaus Maghus (XVIs)*; e à crítica de *Filipe Melanchthon sobre o papel da filosofia em seus Loci Communes de 1521: fautziz de bobagens escolásticas e serva da teologia*, de Elvio Figur.

A seguir, já numa perspectiva mais contemporânea, Andréa Souza discute o campo religioso americano enquanto *locus* de preservação do protestantismo reformado conservador na América a partir da importância do Seminário Teológico de Westminster, na Filadélfia. Por sua vez, Jair Leal analisa a trajetória dos batistas brasileiros durante o golpe militar de 1964, tomando como exemplo a Convenção Batista Brasileira e Mineira. E contribuindo com uma temática bem hodierna, representando uma possível virada do protestantismo brasileiro, Antonio Carlos Silva Junior traz um artigo, baseado em seus estudos de religião e sistema prisional, que discorre sobre uma nova face do protestantismo entre os encarcerados, chamando tal fenômeno de desneopentecostalização.

Os artigos seguintes, situados na Temática Livre, trazem contribuições notadamente teológicas e que nos situam ainda dentro da seção anterior (dossiê), reforçando as discussões sobre a Reforma. O professor José Ademar Kaefer nos apresenta, a partir de seus estudos de exegese, evidências de que a Bíblia começou em Israel Norte, uma importante constatação que pode auxiliar no estabelecimento de uma hermenêutica latino-americana que considera uma cultura heterogênea inerente a este povo do Norte. Em seguida o professor Adriani Rodrigues discorre sobre a regra de fé analisando seu papel na interpretação bíblica a partir das noções de tradição apostólica e pós-apostólica de Cullmann e o conceito de regra de fé de Irineu. E o professor Sidnei Nascimento nos traz um comentário sobre a obra de Erasmo de Rotterdan, *Enchiridion Militis Christiani*, ressaltando os elementos desta obra que são a tripartição da alma (espírito, alma e carne) e o mundo visível e o invisível.

O número se encerra com a sessão de comunicações, com a contribuição de Flávio Rodrigues analisando as igrejas e comunidades *underground's*, chamando a atenção para o surgimento de novos modelos eclesiais, e com a de resenhas, com a contribuição do professor Enio Brito.

Agradecemos a todos que colaboraram na preparação deste número, desejando um bom aproveitamento aos nossos leitores.

Com um abraço, em nome da Comissão de Redação da ABHR,

Ismael de Vasconcelos Ferreira